

DOMINGO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

26 DE MAIO DE 2024

JOÃO 3. 1-17

Salmo 29

Neste salmo somos convidados a contemplar a majestade de Deus que se revela pelo poder de Sua voz. Pela Sua Palavra, Deus chamou o universo à existência. Sua voz ordenou: - Haja luz, e houve luz (Gênesis 1:3). No monte Sinai, essa mesma voz trovejou enquanto Deus descia para entregar Sua Lei ao povo de Israel, uma voz tão imponente que o povo implorou a Moisés para que fosse o intermediador entre Deus e o povo, pois temiam por suas vidas (Êxodo 20:19).

Esta voz, cheia de poder e majestade - que quebra as árvores de cedro, que faz montanhas saltarem como bezerras, que faz brilhar relâmpagos, que faz o deserto tremer, que sacode os carvalhos arrancando suas folhas – é também a voz vinda de uma manjedoura em Belém através do choro de um recém-nascido, o Verbo que se fez carne e habitou entre nós (Jo 1.14), Jesus Cristo.

Em Jesus, Deus se comunica conosco de maneira gentil e amorosa, com palavras repletas de misericórdia, graça e amor. Sua voz proclama perdão, paz, vida e salvação. A mesma voz que separou a luz das trevas na criação, agora nos chama das trevas para sua maravilhosa luz (1 Pedro 2:9), em Cristo Jesus.

Isaías 6. 1-8

Isaías teve uma visão da glória do Senhor exaltado em Seu trono. Experimentar a glória de Deus leva Isaías ao arrependimento, pois viu-se como um pecador que estava indignamente na presença do Santo Deus, um homem de lábios impuros, cujos olhos viram o Senhor Todo-Poderoso. Mas Deus lhe concede o Seu perdão. Um serafim traz uma brasa acesa do altar para tocar os

lábios de Isaías e declara: “a sua culpa foi removida, e o seu pecado, perdoado” v. 7. Perdoado, restaurado e fortalecido, Isaías responde ao chamado de Deus, dizendo: “Aqui estou. Envia-me!” v.8.

Este texto nos convida a reconhecer a santidade de Deus e a nossa total indignidade. Chegamos diante de Deus em arrependimento, lembrando do nosso batismo, o afogar do velho Adão. Lembramos também que no batismo, Deus colocou seu nome sobre nós, nos cobriu com o manto da justiça de Cristo e nos reivindicou como seus filhos. Chamados no nosso batismo para sermos povo de Deus, também podemos responder: “Aqui estou. Envia-me!”.

Podemos não ter uma grande visão da glória de Deus como Isaías teve, mas o chamado de Deus para nós é igualmente real. Deus nos chama a sermos o Seu povo neste mundo, amando, ajudando e servindo as pessoas que Ele coloca em nossas vidas, trazendo Sua Palavra de advertência, encorajamento e esperança.

Atos 2.14a, 22-36

O discurso de Pedro ocorre em um momento crucial na história da igreja cristã, quando o Espírito Santo é derramado sobre os discípulos, capacitando-os a falar de tal modo que sejam compreendidos pelos seus ouvintes nas mais diferentes línguas. Isso indica a importância da obra do Espírito Santo na vida da igreja e na propagação do evangelho. Pedro enfatiza a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Ele proclama que Jesus é o Messias prometido, o Filho de Deus, cuja morte e ressurreição são fundamentais para a salvação da humanidade.

Neste discurso, Pedro conecta os eventos da vida de Jesus com as profecias do Antigo Testamento, demonstrando como a vida e ministério de Jesus cumprem perfeitamente as promessas de Deus ao longo da história. Isso ressalta a continuidade entre a antiga aliança de Deus com Israel e a nova aliança inaugurada por Jesus. Pedro declara a autoridade de Jesus sobre todas as coisas,

incluindo sua exaltação à direita de Deus Pai. Isso destaca a posição única de Jesus como Senhor e Salvador, e sua soberania sobre toda a criação.

Além disso, é importante notar que o discurso de Pedro não é apenas informativo, mas tem um objetivo claro estabelecido. Ele incentiva seus ouvintes a se arrependerem de seus pecados e a crerem em Jesus como seu Senhor e Salvador.

Assim, o texto de Atos 2:14a, 22-36 apresenta uma mensagem clara sobre a obra redentora de Jesus Cristo, a autoridade e exaltação divina de Jesus, o papel do Espírito Santo na obra da igreja, e o chamado ao arrependimento e a fé em Jesus Cristo.

João 3. 1-17

O texto destaca a conversa entre Jesus e Nicodemos, um líder religioso judeu. Nesse diálogo, Jesus enfatiza que ninguém pode ver o Reino de Deus sem nascer de novo (v.3), e que ninguém pode entrar no Reino de Deus sem nascer da água e do Espírito (v.5). Ele também salienta que aquele que nasce de pais humanos é um ser de natureza humana, enquanto aquele que nasce do Espírito é um ser de natureza espiritual (v.6).

Jesus destaca que precisamos nascer de novo para receber a vida eterna. Esse novo nascimento, do alto, é concedido somente por Deus, e está diretamente relacionado ao batismo, onde, pela ação do Espírito Santo na água unida a Palavra, é gerado em nós esta nova vida.

Precisamos desse novo nascimento pela água e pelo Espírito para que possamos ver o Reino de Deus se manifestar em Cristo. Do contrário, nossa cegueira espiritual nos manteria nas trevas. Esse novo nascimento é essencial para entrarmos no Reino de Deus, pois sem fé em nosso Salvador, Jesus Cristo, nossos pecados e nossa morte espiritual nos manteriam afastados dele. Dependemos da iluminação do Espírito Santo para enxergar a graça e a

misericórdia de Deus, permitindo que as escamas caiam de nossos olhos. Além disso, precisamos receber a justiça de Cristo, a vida que Ele conquistou para nós, para sermos elevados da morte para a vida, da condenação para a salvação eterna.

Por meio desse renascimento, conseguimos compreender a magnitude do amor de Deus, como destacado em João 3:16, reconhecendo o principal propósito da vinda do Filho de Deus, que não veio para julgar o mundo, mas para que, por meio dEle, o mundo fosse salvo.

A Santíssima Trindade

Introdução

A doutrina da Trindade¹ sempre foi um tema muito debatido dentro da igreja cristã e que até os dias de hoje causa muitas controvérsias. Não há dificuldades de aceitar a existência de um Deus superior entre os grupos religiosos cristãos, o grande problema é quanto a compreensão que cada grupo tem em relação ao modo como, nesta única essência divina, há três pessoas - Deus Pai, Filho e Espírito Santo – e o modo como esta Trindade, que está além do alcance da razão humana, se relaciona com a criação.

O correto ensino da Igreja Cristã a respeito doutrina da Trindade é atualmente uma herança dos Pais da Igreja Cristã que, com muita luta, diante do grande número de heresias que surgiram e se desenvolveram em meio à Igreja Cristã, nos deixaram como herança os credos ecumênicos que, além de um resumo da nossa fé, também servem de defesa à verdadeira doutrina da Trindade².

¹ “Tertuliano foi o primeiro a declarar claramente a tri-personalidade de Deus e a manter a unidade substancial das três Pessoas. Mas não chegou a exprimir de forma clara a doutrina da Trindade” (BERKHOF, 1937, p. 77).

² “Na verdade, à luz da história da teologia, constata-se que nenhuma doutrina do cristianismo surgiu do nada. Cada crença, quer ortodoxa ou não, nasceu de um desafio. Foi nesse cenário que a igreja foi impelida a

O objetivo dos Pais da Igreja não foi o de criar um ensino através do qual fosse possível compreender racionalmente a doutrina da Trindade, mas foi o de enfatizar o que a Palavra de Deus revela a respeito desta doutrina a fim de que se possa, sem medo ou dúvida, crer e confessar este artigo da fé cristã e rejeitar todo e qualquer erro que venha a corromper esta verdade.

Tempos mais tarde, no contexto do século XVI, os ensinamentos fundamentais da Igreja Cristã passaram a ser ameaçados pelas heresias que cresceram e se expandiram neste contexto. A Reforma, que se desenvolveu com Martinho Lutero, permitiu que, juntamente com os confessores luteranos, houvesse um retorno aos ensinamentos bíblicos e um posicionamento confessional cristão que rejeitou e condenou as heresias que se desenvolveram naquele contexto. Foi então que, diante das várias controvérsias e debates teológicos que surgiram com o decorrer da Reforma, se deu a elaboração dos escritos confessionais luteranos que hoje compõem o Livro de Concórdia.

A Doutrina da Trindade à Luz dos Escritos Confessionais Luteranos.

O posicionamento dos confessores luteranos em relação a doutrina da Trindade está diretamente ligado ao posicionamento defendido pela Igreja Antiga, o que aponta para o fato de que as Confissões Luteranas são trinitárias por excelência. Isto se evidencia conforme o Artigo I da Confissão de Augsburgo:

Em primeiro lugar, ensina-se e mantém-se, unicamente, de acordo com o decreto do Concílio de Nicéia, que há uma só essência divina, que é chamada Deus e verdadeiramente é Deus. E, todavia, há três pessoas nesta única essência divina, igualmente poderosas, igualmente eternas, Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, todas três uma única essência divina, eterna, indivisa, infinita, de incomensurável poder, sabedoria e bondade, um só criador e conservador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E com a palavra persona se entende não uma parte, não uma propriedade em outro, mas aquilo que subsiste por si mesmo, conforme os Pais usaram esse termo nesta questão. (CA, artigo I, p.27-28).

sistematizar suas doutrinas e, assim, defender a divindade de Cristo, bem como a crença em um só Deus, formatando os princípios doutrinários da trindade” (CALDEIRA, 2019, p. 4).

Arand (s.d., p.208, tradução nossa) destaca que: “As distintas Confissões Luteranas do século XVI podem ser lidas como a recuperação do padrão bíblico para falar sobre a Trindade”³. Este padrão se caracteriza pela distinção que atualmente se faz entre Trindade econômica⁴ e a Trindade imanente/ontológica⁵. Deve-se destacar que, por mais que nos escritos confessionais não se empregue explicitamente esta terminologia, é possível perceber que as Confissões Luteranas nunca perderam esta distinção para transmitir o ensino da doutrina da Trindade. Nos escritos de Lutero é possível perceber a presença desta distinção através do emprego que ele faz de termos como *Deus absconditus et Deus revelatus*.

A distinção entre a Trindade econômica/*Deus revelatus* e imanente/*Deus absconditus* permite perceber que ambas capturam importantes pressupostos bíblicos e “ambas as abordagens lidam com o mesmo Deus: primeiro em suas obras dentro do mundo e depois em sua essência.”⁶ (ARAND, s.d., p. 207, tradução nossa). A importância desta distinção se dá pelo fato de que “sem as formulações ontológicas da Trindade, a linguagem econômica da obra de Deus dentro do mundo seria esvaziada de seu valor soteriológico”⁷ (ARAND, s.d., p. 207, tradução nossa).

Deste modo, é possível perceber que tanto os catecismos de Lutero como as Confissões Luteranas:

Eles voltaram atrás da tradição agostiniano-tomística (Peters, 40) para recuperar uma forma bíblica de confessar a Trindade. Não o fizeram com o propósito de encontrar um modelo de relacionamento intra-humano na sociedade, mas com o propósito de confessar o Evangelho. Em outras palavras, a Trindade econômica nos leva ao próprio coração do Pai. Não

³ “The distinctively Lutheran Confessions of the sixteenth century can be read as recovering the biblical pattern for speaking about the Trinity”.

⁴ A trindade econômica irá identificar a relação trinitária dentro de um quadro cosmológico, ou seja, a atividade de Deus Pai, Filho e Espírito Santo dentro do mundo, dentro da temporalidade (Soteriologia).

⁵ A Trindade imanente enfatiza a relação interna entre Deus Pai, Filho e Espírito Santo na eternidade à parte da criação, isto ao que diz respeito à natureza e o ser de Deus (ontologia).

⁶ “Both approaches deal with the same God: first in his works within the world and then in his essence”.

⁷ “Without the ontological formulations of the Trinity, the economic language of God's work within the world would be evacuated of its soteriological value”.

só Deus salva, mas é apropriado e próprio que Ele salve. É de sua natureza fazê-lo. Esta é a justiça de Deus⁸ (ARAND, s.d., p. 208, tradução nossa).

Ambas as abordagens estão presentes no modo como as Confissões Luteranas do século XVI procuram transmitir a doutrina da Trindade em perspectiva soteriológica. Isto nos permite entender que “ao enfatizar as implicações soteriológicas da Trindade, a Reforma aprofundou as percepções que ela herdou da Igreja Antiga”⁹ (ARAND, s.d., p. 208, tradução nossa). Nesta dinâmica, é possível perceber que “Lutero não encontra apenas o divino na pessoa e na obra de Jesus Cristo, ele encontra o próprio Pai. Jesus e o Pai são mantidos tão firmemente unidos que aprendemos a pensar em Deus somente em Jesus Cristo”¹⁰ (ARAND, s.d., p. 208, tradução nossa). Deste modo, as Confissões Luteranas dão testemunho da doutrina da Trindade através da autorrevelação de Deus por meio de Jesus Cristo.

A maneira como Lutero confessa a doutrina da Trindade¹¹, algo que é claramente defendido pelos confessores luteranos, pode ser vista no modo como organizou o Credo Apostólico em seus catecismos:

⁸ “They reached back behind the Augustinian-Thomistic tradition (Peters, 40) to retrieve a biblical way of confessing the Trinity. They did not do so for the purpose of finding a model for intra-human relationships within society, but for the purpose of confessing the Gospel. In other words, the economic Trinity takes us to the very heart of the Father. Not only does God save, but it appropriate and proper that He saves. It is his nature to do so. This is the righteousness of God”.

⁹ “In emphasizing the soteriological implications of the Trinity, the Reformation deepened the insights it inherited from the early church”.

¹⁰ “Luther finds not only the divine in the person and work of Jesus Christ, he finds the Father Himself. Jesus and the Father are held so firmly together that we learn to think of God only in Jesus Christ”.

¹¹ “No Credo, Lutero tem um objetivo simples: Ele quer ‘chegar ao fundo do que Deus fez, está fazendo, e pode ser esperado que faça por nós’. A força da apresentação da Trindade por Lutero no catecismo é como cada pessoa da Trindade tem um papel ativo e vital em nossas vidas. Ao conectar os três artigos às três pessoas e suas obras, os catecismos mostram que ‘Doador e dom pertencem juntos; nenhum deles pode ser compreendido sem o outro’. Cada um desempenha um papel que juntos abraçam a totalidade da nossa vida de tal forma que não podemos tratar a Trindade como um item que devemos conhecer, mas como três pessoas que nos dão um verdadeiro conhecimento do próprio Deus.” (ARAND, s.d., p. 212, tradução nossa).
Texto original: “In the Creed, Luther has a simple goal: He wants “to get to the bottom of what God has done, is doing, and can be expected to do for us.” The strength of Luther's presentation of the Trinity in the catechism is how each person of the Trinity plays an active and vital role within our lives. By connecting the three articles to the three persons and their works, the catechisms show that the “Giver and gift belong together; neither can be understood without the other.” Each plays a role that together they embrace the totality of our life in such a way that we cannot treat the Trinity as an item that we are to know about, but as three persons who give us a true knowledge of God Himself.”

A fim de estabelecer quem Deus é e que tipo de Deus Ele é, Lutero reorganizou o Credo de doze artigos (correspondentes aos doze apóstolos) para seus três artigos originais, sem alterar a redação para que pudesse se concentrar na obra salvadora do Deus Trino e enfatizar o caráter *pro nobis* da obra de Deus em todos os aspectos da vida. Isto ocorreu em duas etapas. Primeiro, em 1520, Lutero correlacionou os três artigos com as três pessoas da Trindade. Cada artigo conta então 'sobre uma das três pessoas da Santíssima e divina Trindade'. A primeira, o Pai; a segunda, o Filho, e a terceira, o Espírito Santo" (1520:24). Segundo, Lutero correlacionou os três artigos do Credo não só com as três pessoas, mas com os dons e obras particulares de cada pessoa. Este tema aparece com maior destaque em seus escritos de 1528 a 1529, período durante o qual ele anexa as legendas 'criação, redenção, santificação' a cada artigo, tornando-os assim os principais motivos para os três artigos¹² (ARAND, s.d., p. 209, tradução nossa).

No entanto, nem todos compartilhavam deste posicionamento em relação ao ensino da doutrina da Trindade conforme é empregado por Lutero e seus seguidores. Muitos grupos acabaram aderindo a outras correntes teológicas, muitas delas já condenadas pela Igreja Antiga, que deram origem a uma série de controvérsias.

Diante desta situação, foi necessário um posicionamento claro por parte dos confessores luteranos frente a confusão e a discórdia que estavam sendo feitas em relação as doutrinas básicas da fé cristã, como a doutrina da Trindade, e que estavam causando divisões dentro da igreja.

Controvérsias teológicas no contexto do século XVI.

Perante um cenário de controvérsias, a Fórmula de Concórdia foi elaborada com o objetivo de reafirmar o posicionamento de Lutero em relação as

¹² "In order to set forth who God is and what kind of a God He is, Luther reorganized the Creed from twelve articles (corresponding to the twelve apostles) to its original three articles without altering the wording so that he could concentrate on the saving work of the Triune God and emphasize the pro nobis character of God's work in all aspects life. This occurred in two stages. First, in 1520, Luther correlated the three articles to the three persons of the Trinity. Each article then tells "about one of the three persons of the Holy and divine Trinity. The first—the Father; the second the Son, and the third, the Holy Spirit" (1520:24). Second, Luther correlated the three articles of the Creed not only to the three persons, but to the particular gifts and works of each person. This theme comes out most prominently in his 1528-1529 writings, during which period, he attaches the captions, "creation, redemption, sanctification" to each article and thereby makes them the leading motifs for the three articles".

doutrinas fundamentais da Igreja Cristã quanto ao relacionamento de Deus com a sua criação. Este resgate da essência da teologia cristã luterana se fez necessário frente aos desvios teológicos que estavam ocorrendo com grupos heréticos que começaram a ganhar força no contexto da Reforma. Dentre estes grupos, destacam-se os Anabatistas, Espiritualistas (Schwenckfeldianos) e Anti-Trinitarianos.

Por mais que estes três grupos não tenham recebido de imediato grande apoio popular, eles acabaram causando reações negativas por parte dos reformadores, pois estes “colocaram em questão elementos fundamentais da tradição católica e da Teologia da Reforma. Em dois pontos, um desses sistemas teológicos ou outro havia rejeitado a definição jurídica central da ortodoxia cristã, tal como legislada no Código Justiniano (529), a crença na Trindade e no batismo infantil”¹³ (KOLB, 2001, p.452, tradução nossa).

Este movimento que começou a se propagar no contexto do século XVI não apresentava algo novo para a fé cristã, pois estava fundamentado em heresias que já haviam sido condenadas pela Igreja. “Os Anti-Trinitários só repetiam argumentos antigos que haviam sido examinados e rejeitados pela Igreja Antiga; sua *restitutio* não era mais do que uma *restitutio haereticorum et haereseos*. Os Anabatistas e Espiritualistas refletiam uma tradição de protesto que já existia há pelo menos meio milênio na cristandade ocidental”¹⁴ (KOLB, 2001, p.453, tradução nossa).

Apesar de que as questões teológicas defendidas por estes três grupos já terem sido debatidas e condenadas pela Igreja em outros tempos, mesmo assim elas reapareciam em outras épocas e contextos voltando a disseminar suas ideias e práticas dentro da sociedade, causando um mal-estar teológico e social.

¹³ “because they called into question fundamental elements of the catholic tradition and Reformation theology. At two points one of these theological systems or another had rejected the central legal definition of Christian orthodoxy as legislated in the Justinian Code (529), belief in the Trinity and in infant baptism”.

¹⁴ “The Anti-Trinitarians only repeated ancient arguments that had been examined and rejected by the early church; their *restitutio* was no more than a *restitutio haereticorum et haereseos*.⁵ The Anabaptists and Spiritualists reflected a tradition of protest that had existed for at least half a millennium in western Christendom”.

Embora pessoas com essas ideias não tivessem fundado instituições duradouras, pequenos grupos de crentes bíblicistas, moralistas, anticlericais, antisacramentais e milenaristas tinham crescido de tempos em tempos através da paisagem religiosa do cristianismo católico ocidental após a virada do primeiro milênio, para levantar suas vozes contra alguns elementos do estabelecimento religioso ou da piedade popular. Eles também estavam associados na mente popular ao desrespeito à ordem civil, à rebelião e ao caos social¹⁵. (KOLB, 2001, p.453, tradução nossa).

Todas essas heresias que foram se infiltrando no meio da Igreja Cristã, através de grupos sectários, acabaram, mesmo que, provavelmente, esta não tenha sido a intenção, colocando em risco a pureza da sã doutrina Cristã. É por isso que os confessores luteranos - como no artigo XII da Fórmula de Concórdia - tiveram que tomar uma posição severa condenando e rechaçando os erros destas facções e seitas heréticas que estavam disseminando falsos ensinamentos dentro da igreja e que estavam causando divisões entre os cristãos.

O Ensino e a Confissão da Doutrina da Trindade em Perigo

Os anabatistas, além da problemática quanto a questão da rejeição do batismo infantil, acabaram deturpando a doutrina da Trindade ao defenderem “que Cristo não assumiu sua carne e sangue da Virgem Maria, mas que os trouxe consigo do céu” (FC, DS XII, 25, p. 681). Esta posição havia sido defendida por líderes anabatistas como Clemente Ziegler, Melchior Hoffmann e Menno Simons.

Outro nome que deve ser mencionado é o de Caspar Schwenckfeld que “tinha lutado com a definição de que Cristo de acordo com sua natureza humana é criatura”¹⁶ (KOLB, 2001, p.470, tradução nossa). O grande problema dos

¹⁵ “Although people with these ideas had founded no lasting institutions, small bands of biblicistic, moralistic, anti-clerical, anti- sacramental, millennialistic believers had grown up from time to time across the religious landscape of western catholic Christianity following the turn of the first millennium, to raise their voices against some elements of the religious establishment or folk piety.⁶ They were also associated in the popular mind with disrespect for civil order, with rebellion and social chaos”.

¹⁶ “Caspar Schwenckfeld had also struggled with the definition of Christ according to his human nature as creature”.

Schwenckfeldianos era que estes não podiam aceitar que o espiritual ou celestial pudesse ser dado através do corpóreo ou terreno¹⁷ (*finitum non est capax infiniti*).

Os concordistas se posicionaram contra estas correntes rejeitando e condenando:

Todos os que consideram a Cristo segundo a carne, ou segundo sua humanidade assumida, como sendo criatura, não têm conhecimento do reinante rei celeste, Cristo, e que a carne de Cristo, pela exaltação, assumiu todas as propriedades divinas de tal maneira que ele é inteiramente igual ao Pai e ao Verbo eterno em grau e estado de essência, propriedade, vontade e glória, de modo que é uma só a essência, propriedade, vontade e glória das duas naturezas em Cristo, e que a carne de Cristo pertence à essência da Santa Trindade. (FC, DS XII, 29, p. 681).

Conforme Kolb destaca (2001, p. 470, tradução nossa): “Por trás da forte rejeição dos concordistas a tais ideias estão as intensas lutas pela cristologia, especificamente pelo compartilhamento das características da natureza divina e humana de Cristo dentro de sua pessoa, que levaram ao oitavo artigo da Fórmula de Concórdia”¹⁸.

Os confessores na Fórmula de Concórdia também condenaram e rejeitaram o ensino dos novos arianos que defendiam “que Cristo não é Deus verdadeiro, essencial, natural, de uma só eterna, divina essência com Deus Pai, mas é apenas ornado de majestade divina, abaixo e ao lado de Deus” (FC, DS XII, 36, p. 682). Este grupo dos novos arianos seguia a ideia monoteísta do monarquianismo, conforme o próprio Ário defendia com seu ensino de que:

Só existe um Deus não-gerado, um único Ser não-originado, sem qualquer começo de existência. Fazia a distinção entre o Logos, que seria imanente em Deus e consistiria apenas de uma energia divina, e o Filho

¹⁷ Kolb (, 2001, p.459, tradução nossa) destaca que: “juntamente com seus erros doutrinários, os Schwenkfelders foram culpados de desviar as pessoas do ouvir a Palavra de Deus e receber os sacramentos”. Texto original: “alongside their doctrinal errors the Schwenkfelders were guilty of diverting people from hearing the Word of God and receiving the sacraments”.

¹⁸ “Behind the Concordist’s sharp rejection of such ideas stand the intense struggles over Christology, specifically over the sharing of the characteristics of the divine and human natures of Christ within his person, that had led to the eighth article of the Formula of Concord”.

ou Logos que finalmente Se encarnara. Este último tivera começo: foi gerado pelo Pai; e isso queria dizer, no vocabulário de Ário, que Ele fora criado. Teria sido criado do nada, antes de haver mundo, razão exata pela qual não seria Ele eterno e nem teria a essência divina. Tendo sido o maior e primeiro de todos os seres criados, teria sido trazido à existência para que, por meio dEle, fosse criado o mundo. Portanto, também seria um ser mutável, embora tivesse sido divinamente escolhido por causa de Seus méritos pré-conhecidos, sendo intitulado Filho de Deus em vista de Sua glória futura. Ainda, em virtude de Sua adoção como Filho, cabe-Lhe o direito de ser venerado pelos homens. Ário buscava apoio escriturístico para isso naquelas passagens que parecem apresentar o Filho como inferior ao Pai, a saber, Prov. 8:22(Sept.); Mat.28:18; Mar. 13:32; Luc. 18:19; Jo. 5:19; 14:28; 1 Cor. 15:28. (BERKHOF, 1937, p. 78).

Além dos anabatistas, Schwenckfeldianos e novos arianos, outro grupo que estava colocando em perigo a doutrina da trindade e que exigiu atenção e cuidado por parte dos confessores luteranos foram alguns antitrinitários, que:

Rejeitam e condenam os antigos e aprovados Símbolos, o Niceno e o Atanasiano, tanto no que diz respeito ao sentido, quanto no que toca aos termos, e ensinam que não há uma única, eterna, divina essência do Pai, do Filho e do Espírito Santo, porém, assim como há três pessoas distintas, Pai, Filho e Espírito Santo, assim também cada pessoa tem sua essência distinta e separada das outras pessoas, as quais, todavia, ou são, todas as três, iguais em poder, sabedoria, majestade e essência, ou desiguais em essência e propriedades. (FC, DS XII, 37, p. 682).

Para este grupo “somente o Pai é autêntico e verdadeiro Deus” (FC, DS XII, 38, p. 682). Estes antitrinitarianos começaram a se organizar e se estruturar retomando as heresias de Ário. “É importante ressaltar que a heresia surgiu nos primeiros séculos do cristianismo, através de Ário, que motivou o Concílio de Nicéia em 325, mas, como organização, evidentemente só no período da Reforma.” (SERING, 2012, p. 28).

Michael Servetus foi um dos protagonistas do movimento antitrinitário ao desenvolver um conceito modalista de Deus em seus escritos. Matteo Gribaldi e Valentino Gentile, influenciados pelos escritos de Servetos, desenvolveram uma visão triteísta de Deus enfatizando que “acreditavam que o Filho de Deus, que

havia sido gerado antes da criação do mundo, e o Espírito Santo estavam subordinados a Deus.” (DAUGIRDAS, s.d., p. 29). Esta ideia triteísta foi revista por Lelio e Fausto Sozzini, “os fundadores do ramo mais importante do antitrinitarismo, o socinianismo.” (DAUGIRDAS, s.d., p. 29). Os socianos então passaram a rejeitar “todas as ideias da preexistência de Cristo e propuseram o princípio unitário de que Jesus Cristo era um ser humano único em termos históricos, para quem o poder divino só era transferido por Deus Pai através de sua ressurreição e ascensão.” (DAUGIRDAS, s.d., p. 29).

Com a reforma do movimento antitrinitário através do desenvolvimento da teologia triteísta, por volta do ano de 1565, começaram a ocorrer debates teológicos por toda a Europa “no qual participaram os proeminentes teólogos luteranos Johann Wigand e Jakob Andreae e o filósofo Tübingen Jakob Schegk.” (DAUGIRDAS, s.d., p. 29). A posição dos confessores, em relação as heresias que estavam colocando em perigo a verdadeira confissão da doutrina da Trindade, está claramente registrada na Fórmula de Concórdia:

Todos esses artigos e outros a eles similares, juntamente com o que a eles está ligado e deles se segue, rejeitamos e condenamos como errados, falsos, heréticos, contrários à Palavra de Deus, aos três Símbolos, à Confissão de Augsburgo e Apologia, aos Artigos de Esmalcalde e aos Catecismos de Lutero. Todos os cristãos piedosos hão de precaver-se contra eles e devem fazê-lo, quanto amam o bem-estar e a salvação de suas almas. (FC, DS XII, 39, p. 682 - 683).

Este posicionamento, por parte dos confessores luteranos, deixa evidente a preocupação e o cuidado pastoral¹⁹ que tiveram pelos cristãos da sua época, bem como a defesa que fizeram para conservar a sã doutrina cristã em meio as

¹⁹ “A confissão de que Jesus de Nazaré é a segunda pessoa da Trindade que vem à carne humana, está no coração da mensagem bíblica. A confissão de que o Espírito Santo trabalha através dos meios da graça para realizar a *Ufe* e a salvação está no coração do cuidado pastoral e da consolação. A confissão de que a criação de Deus é boa e que os crentes são chamados a servir no meio da vida está no coração do cultivo do próprio discipulado.” (KOLB, 2001, p.477, tradução nossa).

Texto original: “The confession that the Holy Spirit works through the means of grace to effect *Ufe* and salvation stands at the heart of pastoral care and consolation. The confession that God's creation is good and that believers are called to serve in the midst of life stands at the heart of the cultivation of proper discipleship”.

heresias que surgiram e se desenvolveram durante o contexto da Reforma e que estavam ameaçando a integridade doutrinária da Igreja Cristã.

Considerações finais

Em uma sociedade em que a cultura está se tornando cada vez mais pluralista, é possível perceber que as pessoas estão adotando uma confissão de fé que está se tornando cada vez mais genérica e superficial em relação a Deus. Existe uma forte corrente que considera Deus como sendo apenas uma energia, ou uma força espiritual. Outros defendem a visão panteísta de Deus (o mundo é Deus), além daqueles que dizem que todas as religiões do mundo creem no mesmo Deus.

Diante deste contexto social que é tão plural - levando em conta que a Igreja Cristã está cercada por tantas outras grandes religiões como o islamismo, budismo, hinduísmo e judaísmo – é evidente a importância de se retomar atualmente a posição e o exemplo dos Pais da Igreja e dos confessores luteranos em defesa da verdadeira e pura doutrina cristã.

Para finalizar, destacam-se as palavras de Arand (s.d., p. 214, tradução nossa): “A tendência no teísmo hoje está longe de falar da transcendência de Deus e de falar de sua imanência. No entanto, o panteísmo geralmente resulta de trazer Deus muito perto do mundo. Assim, devemos nos tornar mais explícitos em nossa conversa sobre Deus, para que falemos de Deus de uma maneira distintamente cristã, isto é, como Pai, Filho e Espírito Santo.”²⁰.

A trindade é composta por três pessoas, mas uma só essência divina. Não há inferioridade na Trindade, mas uma mutua cooperação na missão de salvar o ser humano perdido e condenado.

²⁰ “The trend in theism today is away from speaking of God's transcendence and toward speaking of his immanence. Yet pantheism often results from bringing God too close to the world. Thus we must become more explicit in our God- talk so that we speak of God in a distinctively Christian way, that is, as Father, Son, and Holy Spirit.”

Que o bondoso Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo nos mantenha confirmados na fé verdadeira para a salvação eterna. Amém!

Rodrigo Erstling